



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

RENATO SILVA DE OLIVEIRA

**PRODUTIVIDADE E RENDIMENTO FÍSICO DO CAFÉ NA REGIÃO
SUDOESTE DA BAHIA NA DÉCADA DE 80**

**SALVADOR
2000**

RENATO SILVA DE OLIVEIRA

**PRODUTIVIDADE E RENDIMENTO FÍSICO DO CAFÉ NA REGIÃO
SUDOESTE DA BAHIA NA DÉCADA DE 80**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de graduação de Ciências
Econômicas da Universidade Federal da
Bahia como requisito parcial à obtenção do
grau de Bacharel em Ciências Econômicas

Orientador: Prof. Dr. Vitor de Athayde Couto

**SALVADOR
2000**

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus por ter me permitido realizar um trabalho tão importante como este. Seu transcorrer, do início à conclusão, foi normal sem que houvesse qualquer outro obstáculo maior, além daqueles que normalmente se encontra em uma atividade acadêmica.

Não poderia deixar de mencionar dois importantes auxílios recebidos neste período. O primeiro, do professor orientador, sempre auxiliando em algumas dúvidas e sugestões levantadas por mim. O segundo auxílio veio através de minha tia Valdevez, coordenadora do Colégio Sacramentinas, de Vitória da Conquista, que me apresentou o agrônomo e professor Aristonildo, da Universidade do Estado da Bahia (UESB). Em algumas das oportunidades em que estive em Vitória da Conquista pude acolher sua inestimável ajuda no que se refere à busca de novas fontes relacionadas a este trabalho. Sem tal auxílio este trabalho poderia não ter terminado em tempo hábil.

Alguns colegas de turma também colaboraram de alguma maneira sendo que Alinsson deu-me a sugestão da escolha do orientador; Rondinaldo indicou-me um trabalho recém publicado pelo BNDES SETORIAL, intitulado *Café: (Re) Conquista dos Mercados*, do qual pude entender alguns conceitos.

Por fim, à minha família, pais, irmãos e tia, agradeço a colaboração recebida durante todo este tempo.

RESUMO

O corpo desse trabalho forma-se fundamentalmente de cinco capítulos, sendo que o capítulo 2, tratará das características mais importantes dos principais municípios da região de estudo – características históricas, geográficas, climáticas. O capítulo 3 tem como objetivo esclarecer o leitor acerca das principais características agronômicas da cultura cafeeira, sobretudo aquelas que envolvem o presente trabalho. No capítulo 4 evidenciam-se os fatores que influenciaram os comportamentos do rendimento físico e da produtividade na década de 80. O quinto e último capítulo contém as conclusões acerca do problema estabelecido.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1	Número de propriedades, segundo totais de área e cafeeiros. Vitória da Conquista – Ano agrícola 1978/79.....	10
Tabela 2	Número de propriedades, segundo totais de áreas e cafeeiros. Barra do Choça – Ano agrícola 1978/79.....	11
Tabela 3	População residente, taxa de urbanização e densidade demográfica. Região Sudoeste – 1980-1991.....	13
Tabela 4	Faixa de idade da população residente. Região Sudoeste – 1980-1991....	14
Tabela 5	Área da região Sudoeste.....	14
Tabela 6	Vitória da Conquista – uso do solo agrícola (em %), 1970-80.....	16
Tabela 7	Vitória da Conquista – número de cafeeiros plantados segundo o tamanho das propriedades – ano agrícola 1978/79.....	16
Tabela 8	Vitória da Conquista – Área, distância e altitude.....	17
Tabela 9	População residente, taxa de urbanização e densidade demográfica. Vitória da Conquista – 1980-1991.....	17
Tabela 10	Faixa de idade da população residente. Vitória da Conquista – 1980-1991.....	18
Tabela 11	Vitória da Conquista – População dos distritos do município – 1980-1991.....	19
Figura 1	Vitória da Conquista – População total dos distritos do município, 1980	19
Figura 2	Vitória da Conquista – População total dos distritos do município, 1991	20
Tabela 12	Planalto – Área, distância e altitude.....	21
Tabela 13	População residente, taxa de urbanização e densidade demográfica. Planalto – 1980-1991.....	21
Tabela 14	Faixa de Idade da população residente. Planalto – 1980-1991.....	22
Tabela 15	Poções – Área, distância e altitude.....	22
Tabela 16	População residente, taxa de urbanização e densidade demográfica. Poções – 1980-1991.....	23
Tabela 17	Faixa de Idade da população residente. Poções – 1980-1991.....	23
Tabela 18	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Região Sudoeste, 1980-1989.....	42
Figura 3	Região Sudoeste. Produção (t) – 1980-1989.....	42

Figura 4	Região Sudoeste. Área (ha) – 1980-1989.....	42
Figura 5	Região Sudoeste. Rendimento (Kg/ha)– 1980-1989.....	42
Tabela 19	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Cravolândia, 1980-1989.....	43
Figura 6	Cravolândia. Produção (t) – 1980-1989.....	43
Figura 7	Cravolândia. Área (ha) – 1980-1989.....	43
Figura 8	Cravolândia. Rendimento (Kg/ha)– 1980-1989.....	43
Tabela 20	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Firmino Alves, 1980-1989.....	44
Figura 9	Firmino Alves. Produção (t) – 1980-1989.....	44
Figura 10	Firmino Alves. Área (ha) – 1980-1989.....	44
Figura 11	Firmino Alves. Rendimento (Kg/ha) – 1980-1989.....	44
Tabela 21	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Irajuba, 1980-1989.....	45
Figura 12	Irajuba. Produção – 1980-1989.....	45
Figura 13	Irajuba. Área – 1980-1989.....	45
Figura 14	Irajuba. Rendimento – 1980-1989.....	45
Tabela 22	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Itaquara, 1980-1989.....	46
Figura 15	Itaquara. Produção – 1980-1989.....	46
Figura 16	Itaquara. Área – 1980-1989.....	46
Figura 17	Itaquara. Rendimento – 1980-1989.....	46
Tabela 23	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Itiruçu, 1980-1989.....	47
Figura 18	Itiruçu. Produção – 1980-1989.....	47
Figura 19	Itiruçu. Área – 1980-1989.....	47
Figura 20	Itiruçu. Rendimento – 1980-1989.....	47
Tabela 24	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Jaguaquara, 1980-1989.....	48
Figura 21	Jaguaquara. Produção – 1980-1989.....	48
Figura 22	Jaguaquara. Área – 1980-1989.....	48
Figura 23	Jaguaquara. Rendimento – 1980-1989.....	48
Tabela 25	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Maracás, 1980-1989.....	49
Figura 24	Maracás. Produção – 1980-1989.....	49
Figura 25	Maracás. Área – 1980-1989.....	49

Figura 26	Maracás. Rendimento – 1980-1989.....	49
Tabela 26	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Planaltino, 1980-1989.....	50
Figura 27	Planaltino.Produção – 1980-1989.....	50
Figura 28	Planaltino. Área – 1980-1989.....	50
Figura 29	Planaltino. Rendimento – 1980-1989.....	50
Tabela 27	Produção, Área colhida e Rendimento do Café. Planalto, 1980-1989.....	51
Figura 30	Planalto. Produção – 1980-1989.....	51
Figura 31	Planalto. Área – 1980-1989.....	51
Figura 32	Planalto. Rendimento – 1980-1989.....	51
Tabela 28	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Poções, 1980-1989.....	52
Figura 33	Poções. Produção – 1980-1989.....	52
Figura 34	Poções. Área – 1980-1989.....	52
Figura 35	Poções. Rendimento – 1980-1989.....	52
Tabela 29	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Santa Inês, 1980-1989.	53
Figura 36	Santa Inês. Produção – 1980-1989.....	53
Figura 37	Santa Inês. Área – 1980-1989.....	53
Figura 38	Santa Inês. Rendimento – 1980-1989.....	53
Tabela 30	Produção, Área Colhida e Rendimento do Café. Vitória da Conquista, 1980-1989.....	54
Figura 39	Vitória da Conquista. Produção – 1980-1989.....	54
Figura 40	Vitória da Conquista. Área – 1980-1989.....	54
Figura 41	Vitória da Conquista. Rendimento – 1980-1989.....	54
Figura 42	Preparo e beneficiamento do café.....	60
Figura 43	Preços do café brasileiro cotados na Bolsa de Nova York, média 1980/1990, em centavos de US\$/libra peso.....	61

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS.....	12
3	PRINCIPAIS ASPECTOS AGRONÔMICOS.....	24
3.1	ESPÉCIES E VARIEDADES.....	24
3.2	PRAGAS E DOENÇAS.....	25
3.3	MÉTODOS DE PRODUÇÃO (MANEJO E PLANTIO).....	26
3.4	NOVAS TECNOLOGIAS.....	29
3.5	O PREPARO DO TERRENO – Um exemplo.....	29
4	FATORES DETERMINANTES DO COMPORTAMENTO DO RENDIMENTO FÍSICO E DA PRODUTIVIDADE.....	31
4.1	DÉCADA DE 80 – UM BREVE RETROSPECTO DA ECONOMIA BRASILEIRA.....	31
4.2	O RENDIMENTO FÍSICO E A PRODUTIVIDADE.....	34
5	CONCLUSÃO.....	55
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
	ANEXOS.....	59

1 INTRODUÇÃO

Através de uma observação anual isolada, em 1999 o café dividiu a primeira posição com o cacau na agricultura baiana. Mesmo assim, entre todas as produções tradicionais, o cacau permanece “como principal produto agrícola do Estado, a despeito das crises dos últimos anos” (SEI apud COUTO, 2000, p. 43). Segundo o IBGE/ GCEA – Grupo de Coordenação de Estatísticas Agropecuárias, a produção de cacau obteve queda de 32,24%, a área colhida de 3,74%, e o rendimento físico, de 29,6%.

“Em 1998 colhem-se 234,9 mil toneladas de cacau em amêndoas; essa produção cai para apenas 159,2 mil toneladas, em 1999. Reduzem-se também a área colhida, de 621,0 mil para 597,8 mil hectares, e o rendimento físico, de 378 para apenas 266 kg/ha.” (COUTO, 2000, p.43).

Quanto ao café, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, realizado pelo IBGE, estimou uma grande expansão de sua produção (70,6%), resultado do aumento de 56% no rendimento físico desta cultura. A produção era de 61.837 toneladas em 1998, passando para 105.508 em 1999. O rendimento físico, no mesmo período, aumentou de 577 kg/ha para 900 kg/ha.

O Estado é favorecido por um conjunto de fatores que permitiram e permitem que tais objetivos sejam alcançados: a imunidade a geadas, as condições favoráveis de clima e solo, relevo e a grande oferta de mão-de-obra. “O clima baiano propicia a ocorrência de várias florações e frutificações simultâneas (...)” (CEPLAB, 1979, p.56).

Além disso, a cafeicultura é capaz de gerar boas repercussões em termos de receita fiscal, emprego, comércio e serviço. Uma safra de um milhão de sacas, por exemplo, é capaz de gerar “uma receita igual à produção de um milhão de toneladas de soja (...), só que em uma área 25 vezes menor e ocupando seis vezes mais mão-de-obra” (Dinheiro, 1998, p.30).

Essa importância da cafeicultura reflete as palavras do então Diretor de Produção do IBC¹, em 1985:

(...) o café, em nosso ponto de vista, é a cunha do desenvolvimento da agricultura. Ele abre caminho para posterior introdução de outras culturas, além de ser o maior distribuidor de renda do país, por ser uma cultura artesanal e empregar uma quantidade de mão-de-obra muito grande. (Leal, 1985, p.29)

Do ponto de vista do emprego, variável muito influenciada por essa atividade, no início dos anos 80, por exemplo, o café representava efetiva possibilidade de milhares de novos postos de trabalho, estimados em aproximadamente 300 mil, apenas em época de colheita.

No que se refere a existência de pólos produtores, a Bahia tem cinco centros principais que são responsáveis pela maior parcela da produção do Estado. Nesse trabalho o foco de análise está direcionado para a região Sudoeste do Estado, fundamentalmente o Planalto de Vitória da Conquista onde, a partir da década de 70, foi verificada a implantação da atividade cafeeira. Os demais pólos, a exemplo de Jequié/Santa Inês, Chapada Diamantina, Barreiras e Extremo Sul, não terão as mesmas atenções, embora cada um evidencie suas particularidades e suas significativas participações no cenário produtivo cafeeiro do Estado.

A Bahia tem grandes pretensões de se tornar o maior produtor nacional, onde atualmente ocupa a terceira posição, atrás apenas de Minas Gerais (principal produtor) e Espírito Santo.

Diante de tantos elementos diferentes – sejam a renda, o emprego etc – que influenciam e são influenciados pela atividade cafeeira, a produtividade e o rendimento físico constituem o centro de análise deste trabalho. Esses indicadores são muito importantes tanto para efeito de comparabilidade como de competitividade. A produtividade pode revelar, sobretudo, a maneira como o produtor dirige seu negócio. Através dela haverá condições,

¹ O Instituto Brasileiro do Café (IBC) foi criado em 1952 e extinto em 1990. Seu principal objetivo consistia em executar a política cafeeira nacional em termos de produção e de sua comercialização interna e externa.

assim, de conhecer se tal produtor utiliza um sistema de irrigação, determinados manejos e tratos culturais e se ele realmente empenha uma função de profissional do setor, preocupado, acima de tudo, com a eficiência econômica. O rendimento físico, por sua vez, representa uma relação técnica (física) utilizada como indicador que objetiva medir e comparar a eficiência técnica da atividade – o que pode ser em sacas de 60 quilos de café em grão por hectare ou quilo em grãos por hectare.

No início da década de 80 a região de Vitória da Conquista revelou, através da tabela abaixo, que 90% dos pequenos e médios proprietários plantavam até 100 000 covas, sendo que desses a maior parte plantava entre 5000 e 50 000 covas. Em uma menor parcela ficam os grandes proprietários que possuem área entre 500 e 1000 ha e número de covas variando de 100 000 a 500 000.

TABELA 1 – Número de propriedades, segundo totais de área e cafeeiros. Vitória da Conquista – Ano agrícola 1978/79

ÁREA TOTAL (ha)	CAFEEIROS TOTAIS					
	5 000 covas	5 000 20 000 covas	20 000 50 000 covas	50 000 100 000 covas	100 000 200 000 covas	200 000 500 000 covas
00-20	03	09	04	-	-	-
20-50	02	45	42	04	-	-
50-100	-	31	23	23	09	-
100-200	-	11	15	24	06	02
200-500	-	07	16	12	05	04
500-1000	-	-	05	04	04	-
Não declarado	01	01	01	-	01	-
TOTAL	06	104	106	67	25	06

FONTE: IBC/GRUPO CAFÉ, 1980.

ASSOCAFÉ, 1996, p.

Em Barra do Choça, outro município dessa mesma região, as características mostraram-se bem semelhantes às anteriores. As propriedades são também, em sua maioria, pequenas e médias. Isto pode ser constatado na tabela logo a seguir.

TABELA 2 – Número de propriedades, segundo totais de áreas e cafeeiros. Barra do Choça – Ano agrícola 1978/79

ÁREA TOTAL (ha)	CAFEEIROS TOTAIS					
	5 000 covas	5 000 20 000 covas	20 000 50 000 covas	50 000 100 000 covas	100 000 200 000 covas	200 000 500 000 covas
00-20	01	16	-	-	-	0
20-50	01	53	47	03	-	24
50-100	-	16	33	13	-	51
100-200	-	10	16	10	02	21
200-500	-	01	09	06	03	10
500-1000	-	-	03	-	01	-
1000-1500	-	-	-	01	-	-
Não declarado	-	01	01	-	-	-
TOTAL	02	97	109	33	06	106

FONTE: IBC/GRUPO CAFÉ, 1980.

ASSOCAFÉ, 1996,

No Sudoeste do Estado a quase totalidade do café plantado é do tipo Arábica. “A produção é de 15 a 20% Despoldado (que tem um diferencial de 30% no preço), 60% do Bebida Dura e o restante do Bebida Rio” (Dinheiro, 1998, p.33). A produção do café Despoldado pode representar uma maior capacidade competitiva, evidenciando um maior valor comercial e assemelhando-se ao café cultivado na Colômbia.

O corpo desse trabalho forma-se fundamentalmente de cinco capítulos, sendo que o próximo, capítulo 2, tratará das características mais importantes dos principais municípios da região de estudo – características históricas, geográficas, climáticas. O capítulo 3 tem como objetivo esclarecer o leitor acerca das principais características agrônômicas da cultura cafeeira, sobretudo aquelas que envolvem o presente trabalho. No capítulo 4 evidenciam-se os fatores que influenciaram os comportamentos do rendimento físico e da produtividade na década de 80. O quinto e último capítulo contém as conclusões acerca do problema estabelecido.

2 CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS

A formação do espaço denominado “Região Sudoeste Baiano” apresenta-se historicamente semelhante a do município-sede Vitória da Conquista. Sobre esse espaço domina, em traços gerais, “o mesmo processo de colonização desenvolvido pela metrópole portuguesa, objetivando a conquista de novas áreas territoriais, ação exercida pelos bandeirantes (portugueses e brasileiros – mineiros e, principalmente, paulistas), primeiros colonizadores dessa região” (Passos, 1995, p.97).

A colonização dessa região foi resultado, inicialmente, da busca insistente de riqueza fácil.

“A riqueza de que se refere é a mineração, em especial ouro e diamantes. Da mineração derivou outra atividade econômica não menos importante, a pecuária bovina, aí desenvolvida às vezes como suporte da anterior, outras vezes como atividade complementar, ou ainda como alternativa quando do insucesso em relação à atividade mineradora, em razão de que algumas vezes os ditos minérios não eram encontrados, ou também devido a sua rápida extinção, dada a voracidade com que eram retirados junto à natureza” (Ibid, 1995, p.97).

Ao término da década de 80 a economia do sudoeste apresentou um PIB aproximado de 1,5 bilhão de dólares, sendo que se somarmos a essa quantia o valor do produto dos mercados informal e paralelo², chegar-se-ia a um produto bruto total em torno de 2,1 bilhões de dólares.

Em fins da década de 80 e início da década de 90 essa região era composta por 39 municípios: Vitória da Conquista, Itambé, Poções, Planalto, Encruzilhada, Boa Nova, Ibicuí, Iguai, Nova Canaã, Caatiba, Barra do Choça, Ribeirão do Largo (desmembrado de Encruzilhada), Anagé, Belo Campo, Bom Jesus da Serra e Caetanos (ambos desmembrados de Poções), Cândido Sales, Caraíbas (desmembrado de Tremedal), Cravolândia, Firmino Alves, Irajuba, Itaquara, Itapetinga, Itarantin, Itiruçu, Itororó, Jaguaquara, Jequié, Lafayette Coutinho, Lagedo do Tabocal (desmembrado de Maracás),

Macarani, Maiquinique, Manoel Vitorino, Maracás, Mirante (desmembrado de Boa Nova), Planaltino, Potiraguá, Santa Inês e Tremedal. Entretanto, apenas nos primeiros 12 municípios é que se evidenciou a produção cafeeira.

A Região Econômica do Sudoeste abrigava 8,5% da população estadual em 1991, com uma densidade demográfica de 25,40 hab/km², ligeiramente superior à média do Estado. Ainda nesse mesmo ano, sua população urbana representa 65,86% da total, principalmente devido à presença das cidades de Vitória da Conquista e Jequié, que figuram entre os mais importantes centros urbanos da Bahia. “A população de determinada região representa o principal potencial de consumidores dessa mesma região. Ao mesmo tempo, é parte dessa população, a chamada população economicamente ativa (PEA), que constitui a oferta de trabalho regional” (Sudoeste, 1996, p.27)

Na TABELA 3 e na TABELA 4 podemos ver a evolução da população do Sudoeste da Bahia entre os anos 80 e 91. Notou-se que a população total, no referido período, aumentou cerca de 26,09%. No tocante à população urbana o aumento foi de, aproximadamente, 70,18% e, para a população rural ocorreu uma queda de 15,92%.

TABELA 3 – População residente, taxa de urbanização e densidade demográfica, 1980 e 1991.

Ano	População Residente			Taxa de Urbanização (%)	Densidade Demográfica (hab/Km ²)
	Total	Urbana	Rural		
1980	862.940	421.085	441.855	48,80	20,15
1991	1.088.107	716.587	371.520	65,86	25,40

FONTE: IBGE e CEI

² Calculado segundo as proporções estimadas para o Brasil (40%).

TABELA 4 – Faixa de Idade da População Residente, 1980 e 1991.

Faixa de Idade (anos)	Ano	
	1980	1991 ¹
0 a 4	137.738	120.283
5 a 9	126.003	137.874
10 a 14	119.761	139.037
15 a 19	100.437	115.642
20 a 24	72.842	88.792
25 a 29	53.196	72.397
30 a 39	85.965	114.032
40 a 49	69.247	84.228
50 a 59	45.860	60.169
60 a 69	31.537	42.484
70 e mais	19.208	33.355
Ignorada	1.141	1.464
TOTAL	862.935	1.009.757

FONTE: IBGE

¹ Dados preliminares

A região apresenta uma extensão – cerca de 42.834 Km² – que engloba o Planalto Sul Baiano, formado pelos Blocos Planálticos de Vitória da Conquista e de Maracás/Jaguaquara, e parte do Pediplano Sertanejo, na sua porção ocidental. Apresenta variação climática, correspondente ao clima seco a subúmido e semi-árido. Em termos percentuais a área ocupada por tal região, em relação ao Estado da Bahia, encontra-se logo na tabela abaixo.

TABELA 5 - Área da Região Sudoeste

Área em Km ²	
	% em relação ao Estado

Total	da Bahia
42.834	7,6

FONTE: IBGE, DERBA e CEI

A região Sudoeste abriga uma das mais expressivas zonas de criação de bovinos do Estado, destinada ao corte e à produção de leite, na bacia do Rio Pardo. A maior parte da produção de leite é consumida por unidades industriais instaladas em Itapetinga, Vitória da Conquista e Jequié.

A atividade agrícola regional é centrada, sobretudo, na cafeicultura, localizada nas maiores altitudes em municípios como Vitória da Conquista, Barra do Choça e Planalto, e na horticultura, em Jaguaquara e municípios do entorno, que se constituem no maior celeiro desta produção na Bahia. Existem ainda os cultivos irrigados ao longo de rios e lagos artificiais em municípios como Tremedal, Anagé e Caraíbas.

Vem adquirindo destaque o município de Barra do Choça, no tocante à atividade cafeeira. Este município “por também se situar no Planalto de Conquista, apresenta muita semelhança com Vitória da Conquista, tanto do ponto de vista da altitude (média de 800m), de solo (latossolo e podzólico), quanto à vegetação (Matas de Larga e de Cipó), com uma diferença, a de não possuir área de caatinga”. (Barreto, 1981, p.54)

O município de Barra do Choça sofreu um vertiginoso crescimento de sua população quando da implantação da lavoura cafeeira a partir do ano de 1972.

“Tal evidência registra-se no fato que a lavoura cafeeira teve de direcionar os fluxos migratórios. O crescimento urbano refletiu o processo de proletarização de sua população que, na sede municipal e nos povoados, gravitava em torno das propriedades de café” (Santos, 1987, p. 75).

A introdução do café no Planalto de Conquista levou, fundamentalmente “a algumas mudanças de ordem estrutural” (Passos, 1995, p.90). Em princípio houve uma tendência de se intensificar o uso do solo agrícola substituindo gradativamente áreas de pastagens ou criação. Por outro lado, houve considerável diminuição da participação relativa da área de

terras incultas o que se pode afirmar que a atividade cafeeira na região incorporou novas terras agrícolas.

Outra mudança, cujos efeitos atingem a base rural, acontece com relação à estrutura fundiária do município de Vitória da Conquista. Houve uma “tendência a um maior parcelamento das pequenas e médias propriedades. Esse processo deve-se tanto ao aumento relativo do número dessas propriedades, como também da participação delas em todo o conjunto da área ocupada” (Ibid, p.91). Os dados das tabelas seguintes, TABELA 6 e TABELA 7, além de evidenciarem o que foi dito, são capazes de mostrar a redução da participação “tanto do número como da área ocupada pelas grandes propriedades, certamente aquelas tradicionalmente destinadas às pastagens e que, por certo, permanecem nesta atividade agrícola” (Ibid, p.91).

TABELA 6 – Vitória da Conquista - Uso do Solo Agrícola (em %), 1970-80.

Uso do Solo Agrícola (%)			
Tipo de Uso	Anos		
	1970	1975	1980
Área de Lavouras	4,4	6,5	13,2
Áreas de Pastagens	47,9	59,4	49,6
Áreas de Mata	21,2	19,9	26,6
Áreas de Terras Incultas	26,5	14,2	10,6
TOTAL	100	100	100

FONTE: IBGE, Censo Agropecuário – 1970, 1975 e 1980.

Essa tendência fica mais evidente para o caso relacionado às “médias” propriedades as quais, através da TABELA 7, estiveram focalizadas tanto na introdução como no desenvolvimento da cafeicultura.

TABELA 7 – Vitória da Conquista - Número de Cafeeiros Plantados Segundo o Tamanho das Propriedades – Ano Agrícola 1978/79

	Cafeeiros Totais (nº covas)
--	-----------------------------

Propriedades, Segundo classes de área (ha)	Até 4.999	5.000 a 19.999	20.000 a 49.999	50.000 a 99.999	100.000 a 199.999	200.000 a 499.999	Total
Até 19	03	09	04	-	-	-	16
20 a 49	02	45	42	04	-	-	93
50 a 99	-	31	23	23	09	-	96
100 a 199	-	11	15	24	06	02	58
200 a 499	-	07	16	12	05	04	44
500 a 999	-	-	05	04	04	-	13
Sem Declaração	01	01	01	-	01	-	04
TOTAL	06	104	106	67	25	06	314

FONTE: IBC, Grupo Café, 1980

ASSOCAFÉ, 1996, p.

Vitória da Conquista, a maior e principal cidade do sudoeste, tem como limite geográfico 8 cidades: Anagé, Belo Campo, Encruzilhada, Planalto, Barra do Choça, Cândido Sales, Itambé e Ribeirão do Largo. Tem um clima semi-árido, com temperatura média anual correspondendo a 19,6°C, sendo a máxima de 23,5°C e mínima de 15,1°C. Toda a sua área geográfica se insere no polígono das secas. A tabela seguinte apresenta mais algumas características dessa cidade.

TABELA 8 – Área, Distância e Altitude

Área (Km ²)	Distância da sede em relação			Altitude (m)
	Salvador (Km)	Sede da região administrativa mais próxima		
		Km	Município	
3.743	509	0	Vitória da Conquista	941

FONTE: IBGE, DERBA e CEI

No período de 80 a 91, como se nota na TABELA 9, a população total de Vitória da Conquista obteve um aumento de cerca de 31,81%, enquanto que sua população urbana cresceu e sua população rural diminuiu a taxas de 47,63% e 14,90%, respectivamente. Sua população, na TABELA 10, está distribuída segundo faixa etária, para os anos 80 e 91.

TABELA 9 – População residente, taxa de urbanização e densidade demográfica, 1980 e 1991.

Ano	População Residente			Taxa de Urbanização (%)	Densidade Demográfica (hab/Km ²)
	Total	Urbana	Rural		
1980	170.624	127.454	43.170	74,70	45,58
1991	224.896	188.158	36.738	83,66	60,08

FONTE: IBGE e CEI

TABELA 10 – Faixa de Idade da População Residente, 1980 e 1991.

Faixa de Idade (anos)	Ano	
	1980	1991 ¹
0 a 4	26.376	25.624
5 a 9	24.217	28.611
10 a 14	23.239	29.352
15 a 19	20.910	26.379
20 a 24	15.667	22.003
25 a 29	11.543	18.535

30 a 39	18.087	28.060
40 a 49	13.441	19.431
50 a 59	8.468	12.727
60 a 69	5.314	8.162
70 e mais	3.159	6.029
Ignorada	203	178
TOTAL	170.619	225.091

FONTE: IBGE

¹ Dados preliminares

Em 1991 Vitória da Conquista aproximou-se dos 200.000 habitantes. Dados do Censo Demográfico desse ano registraram uma população de 180.063 habitantes. No caso da população residente na base territorial do município a cifra chega a 225.091 habitantes. Projeções baseadas nas taxas calculadas pelo IBGE para os anos 1991 – 1994 indicam uma população de mais de 265 mil habitantes. É composto de 10 distritos, sendo 7 constituídos em 1990, como se observa na TABELA 11. Além do distrito-sede, incluem-se os municípios de Iguá, Inhobim e José Gonçalves, e os recentes Bate Pé, Cabeceira do Jibóia, Cercadinho, Dantilândia, Pradoso, São Sebastião e Veredinha.

TABELA 11 - Vitória da Conquista – População dos Distritos do Municípios, 1980 e 1991

DISTRITOS	POPULAÇÃO			
	ANOS			
	1980		1991	
	Urbana	Rural	Urbana	Rural

Vitória da Conquista	125.516	13.928	180.063	8.477
Iguaí	476	11.839	731	2.996
Inhobim	723	8.752	1.418	3.602
José Gonçalves	739	8.651	1.205	4.757
Bate Pé	-	-	778	5.226
Cabeceira do Jibóia	-	-	188	3.242
Cercadinho	-	-	545	1.262
Dantilândia	-	-	486	1.012
Pradoso	-	-	832	1.759
São Sebastião	-	-	1.279	937
Veredinha	-	-	826	3.470
Total	127.454	43.170	188.351	36.740
Geral	170.624		225.091	

FONTE: IBGE, Censo Demográfico de 1980 e de 1991, volume Bahia

Como base nos dados acima, a ilustração do total populacional, para estes distritos, tanto para o ano de 1980 como para o ano de 1991, é mostrada nas figuras abaixo.

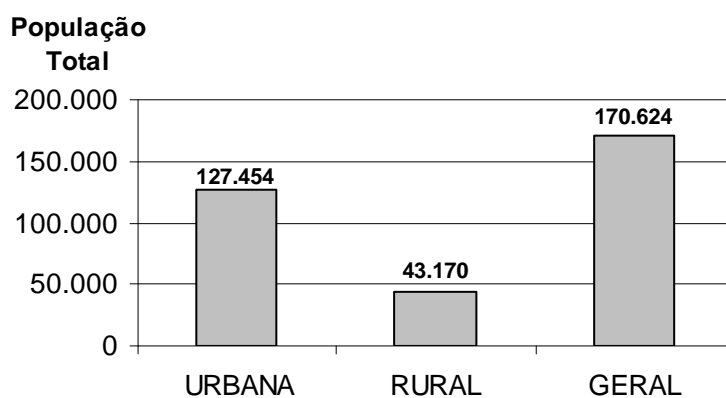


FIGURA 1 – Vitória da Conquista – População total dos distritos do município, 1980.

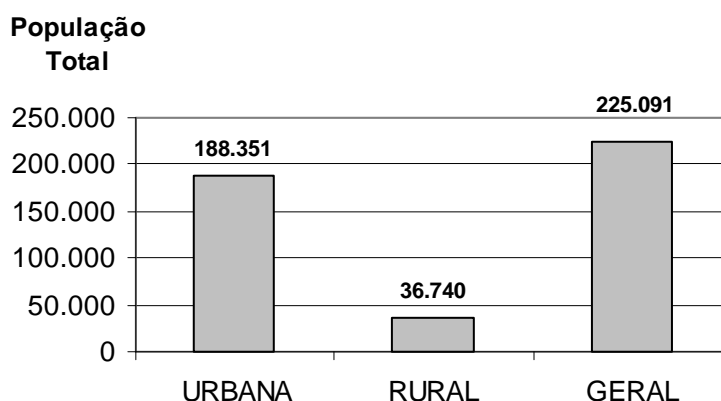


FIGURA 2 – Vitória da Conquista – População total dos distritos do município, 1991.

Vitória da Conquista tem um importante papel que cada vez mais se valoriza na medida em que “solidifica-se na condição de ‘cabeça da região’, definida por sua centralidade funcional em vasta região, assumindo, portanto, a função de entreposto e terminal distribuidor de mercadorias, prestação de serviços de toda ordem, inclusive rodoviários, etc” (Passos, 1995, p.94).

Um elemento de suma importância para a integração da cidade foi a construção da rodovia Rio-Bahia, atual BR-116, construída e finalizada no começo da década de 1940. “Esta rodovia, inserida no ‘Plano de Integração Nacional’, tornar-se-á o eixo principal de comunicação entre o centro-sul do país e o Nordeste” (Ibid,1995, p.78). Assim, como Vitória da Conquista tem seu perímetro urbano cortado por esta rodovia, será favorecida via estímulo geral de sua economia. A cidade “adquire produtos industrializados no centro-sul e noutras regiões do país, para redistribuí-las por longa faixa do sertão baiano e até para o norte de Minas Gerais. São mais de cinco mil empresas comerciais, pequenas e de médio porte que operam na praça”. (Santos, 1987, p.64).

A cidade de Planalto – a 48 Km da ‘cabeça da região’ – faz limites com sete outras cidades da Região Sudoeste: Anagé, Caatiba, Poções, Bom Jesus da Serra, Barra do Choça, Nova Canaã e Vitória da Conquista. Seu clima é semi-árido e seco a subúmido, possui uma temperatura média anual correspondente a 19,6°C, sendo a máxima de 23,5°C e mínima de 15,1°C. Toda a sua área também se insere no chamado polígono das secas.

TABELA 12 – Área, Distância e Altitude.

Área (Km ²)	Distância da sede em relação			Altitude (m)
	Salvador (Km)	Sede da região administrativa mais próxima		
		Km	Município	
815	463	48	Vitória da Conquista	880

FONTE: IBGE, DERBA e CEI

Para o período 80-91 o município de Planalto apresentou um pequeno aumento em sua população total – se comparado aos demais municípios analisados aqui – de cerca de 5,15%, segundo dados da TABELA 13. Sua população urbana aumentou cerca de 65,66% e sua população rural obteve uma queda de, aproximadamente, 17,04%. Na TABELA 14 sua população, para os anos 80 e 91, ficou distribuída por faixa etária.

TABELA 13 – População residente, taxa de urbanização e densidade demográfica, 1980 e 1991.

Ano	População Residente			Taxa de Urbanização (%)	Densidade Demográfica (hab/Km ²)
	Total	Urbana	Rural		
1980	22.359	5.999	16.360	26,83	27,43
1991	23.510	9.938	13.572	42,27	28,85

FONTE: IBGE e CEI

TABELA 14 – Faixa de Idade da População Residente, 1980 e 1991.

Faixa de Idade (anos)	Ano	
	1980	1991 ¹
0 a 4	3.680	3.001
5 a 9	3.289	3.452
10 a 14	3.137	3.304
15 a 19	2.645	2.501
20 a 24	1.721	1.916
25 a 29	1.292	1.633
30 a 39	2.201	2.515
40 a 49	1.863	1.911
50 a 59	1.236	1.479
60 a 69	824	1.058
70 e mais	456	743
Ignorada	15	13
TOTAL	22.359	23.526

FONTE: IBGE

¹ Dados preliminares

Outra importante cidade da região – Poções –, distante 66 Km de Vitória da Conquista (ver TABELA 15), faz limites com cinco cidades: Boa Nova, Nova Canaã, Bom Jesus da Serra, Iguai e Planalto. Possui um clima semi-árido e seco a subúmido, com uma temperatura média anual de 20,2°C, sendo a máxima de 24,4°C e a mínima de 15,8°C. Sua área está inteiramente inserida no polígono das secas.

TABELA 15 – Área, Distância e Altitude.

Área (Km ²)	Distância da sede em relação			Altitude (m)
	Salvador (Km)	Sede da região administrativa mais próxima		
		Km	Município	
1284	444	66	Vitória da Conquista	760

FONTE: IBGE, DERBA e CEI

O município apresentou, conforme TABELA 16, entre os anos 80 e 91, uma queda de 16,85% de sua população total. No tocante à população urbana houve um aumento de 47,29%, enquanto que a população rural diminuiu consideravelmente em, aproximadamente, 54,70%. Na TABELA 17, sua população distribuiu-se segundo diferentes faixas etárias, para os anos 80 e 91.

TABELA 16 – População residente, taxa de urbanização e densidade demográfica – 1980 e 1991.

Ano	População Residente			Taxa de Urbanização (%)	Densidade Demográfica (hab/Km ²)
	Total	Urbana	Rural		
1980	45.509	16.886	28.623	37,10	35,44
1991	37.839	24.872	12.967	65,73	29,47

FONTE: IBGE e CEI

TABELA 17 – Faixa de Idade da População Residente, 1980 e 1991.

Faixa de Idade (anos)	Ano	
	1980	1991 ¹
0 a 4	7.309	4.538
5 a 9	6.850	5.280
10 a 14	6.366	5.192
15 a 19	5.193	4.345
20 a 24	3.645	3.008
25 a 29	2.624	2.510
30 a 39	4.389	4.116
40 a 49	3.545	3.134
50 a 59	2.557	2.367
60 a 69	1.936	1.809
70 e mais	1.091	1.516
Ignorada	4	19
TOTAL	45.509	37.834

FONTE: IBGE ¹ Dados preliminares

3 PRINCIPAIS ASPECTOS AGRONÔMICOS

Esta etapa do trabalho consiste em apresentar alguns aspectos principais que envolvem a cultura cafeeira, especialmente aqueles que influenciam o comportamento do rendimento físico e da produtividade. Assim, serão assuntos deste capítulo: espécies e variedades, pragas e doenças e métodos de produção (manejo e plantio) e, por fim, a apresentação de um exemplo de como se realiza o preparo do terreno. Como ilustração, em anexo, tem-se o gráfico de preparo e beneficiamento do café.

3.1 ESPÉCIES E VARIEDADES

Existem duas espécies economicamente importantes: a arábica e a robusta ou *conillon*. A primeira é capaz de produzir um melhor café e, sendo assim, tem enorme aceitação em todos os mercados consumidores. Os melhores resultados são verificados quando seu cultivo se realiza em regiões montanhosas, com altitude entre mil e dois mil metros. Adapta-se ao clima úmido onde o melhor cultivo deve ficar em regiões com temperaturas médias entre 18°C e 23°C. Na fase de florescimento, não deve haver carências hídricas, principalmente em regiões quentes e com alta umidade. O termo arábica indica os produtos obtidos a partir dos cultivares e variedades desta espécie. São eles: *Mundo Novo*, *Acaiaí*, *Catuai vermelho e amarelo*, *Bourbon vermelho e amarelo*. Cada um destes apresenta uma peculiaridade:

- *Mundo Novo* – revela-se altamente produtivo com elevado vigor vegetativo, sua maturação é mais uniforme resultando em um melhor café colhido e, em áreas com possibilidades de geadas, representa baixo risco, pois é precoce;
- *Acaiaí* – as sementes do café são maiores e sua produção é considerada boa;
- *Catuai vermelho e amarelo* – se adaptam a todas as regiões cafeeiras do Brasil, são vigorosas e resistentes, de porte pequeno o que facilita o maior adensamento e, como consequência, tem elevada produtividade;
- *Bourbon vermelho e amarelo* – desenvolve-se melhor em regiões de elevada altitude, revela-se pouco vigoroso e isto se agrava quando a condição do solo não é boa, apresenta baixa resistência à ferrugem e sua recuperação mostra-se muito lenta, aumentando o ciclo bienal produtivo.

A segunda espécie tem como característica a capacidade de se adaptar às mais diferentes condições climáticas. Pode ser cultivada em regiões com temperaturas médias anuais entre 22°C e 26°C, não sofrendo problemas na frutificação em razão destas altas temperaturas e, portanto, são mais resistentes do que a espécie anterior. Tem grande utilização nas indústrias de cafés solúveis.

3.2 PRAGAS E DOENÇAS

As pragas e doenças são problemas encontrados, geralmente, em todas as regiões onde o café é cultivado, sendo o grau de importância variável de região para região. Entre as pragas, destacam-se o *bicho mineiro*, *broca do café*, *cochonilhas*, *ácaros* e *nematóides*. As mais problemáticas correspondem às seguintes:

- *broca do café* – consiste em inseto que na sua forma adulta é um pequeno besouro capaz de perfurar os frutos em seus vários estágios de desenvolvimento, resultando na queda destes;
- *cochonilhas* – variadas espécies que atingem qualquer parte da planta – raiz, caule, frutos, ramos, folhas – executando uma sucção continuada da seiva e, a depender da gravidade, causar a morte da planta;
- *nematóides* – afetam a raiz sendo que seus sintomas verificam-se na parte aérea. A gravidade do problema torna-se maior em período seco, em que há menor circulação da seiva e menor quantidade de água disponível no solo.

No caso dos *ácaros*, as conseqüências apontam para folhas amareladas e sem brilho e, para o *bicho mineiro*, o principal prejuízo verifica-se com a diminuição foliar.

Em relação às doenças que afetam o cafeeiro há cerca de 300 tipos em todo o mundo. Suas causas se devem a três agentes principais: fungos, bactérias e vírus. As piores doenças são motivadas pelos fungos. Em termos econômicos duas têm destaque pelos danos que causam: a CBC (coffee berry disease), ainda não verificada no Brasil e, a ferrugem do cafeeiro, disseminada largamente na cafeicultura nacional. Sua ação torna-se facilitada pela contaminação de mudas, atuações do vento, chuva e insetos. Como resultado, tem-se uma queda precoce de folhas e perdas de produtividade.

3.3 MÉTODOS DE PRODUÇÃO (MANEJO E PLANTIO)

Os métodos produtivos, por sua vez, dizem respeito ao manejo e plantio do cafezal. A melhor utilização destes métodos pode garantir uma maior produtividade da cultura. Como exemplos, há o processo de produção de mudas, o sistema de plantio e a irrigação.

Processo de produção de mudas

O processo de produção de mudas representa uma fase de suma importância, pois é nela em que se dá a implantação dos cafezais e, sendo assim, deve-se evitar qualquer erro ou a qualidade ruim da muda irá acarretar sérios danos à vida da cultura. Sementes selecionadas, enxertia e multiplicação clonal constituem os três meios pelos quais se obtém as mudas de plantio.

No primeiro caso, ao se usar as mais modernas técnicas, podem-se produzir mudas livres de *ervas daninhas* e *nematóides*.

O segundo caso, aconselha-se utilizar uma “combinação” da variedade robusta com as variedades Mundo novo e Catuaí. A razão está no fato de que a robusta apresenta maior resistência ao *nematóide* e à seca, enquanto que as outras duas variedades são mais produtivas e resistentes à ferrugem e têm boas copas. Como efeito observam-se mudas mais resistentes a doenças e pragas e exibem maior produtividade. “A primeira colheita ocorre dois anos após o plantio, enquanto as tradicionais iniciam o ciclo produtivo apenas no terceiro ano”. (Ormond; Paula, Filho, 1999, p.15)

O terceiro caso, o da multiplicação clonal, só se realiza com a variedade robusta pois nesta a fecundação é cruzada ao passo que na variedade arábica há a autopolinização, implicando no surgimento de características iguais da planta original.

Embora as plantas de variedade robusta apresentem enorme heterogeneidade, os resultados de sua polinização têm-se revelado bem parecidos com as plantas matrizes, o que equiivale

a dizer que indicam resistência à ferrugem e mostram-se menores, facilitando a poda e o adensamento.

Sistemas de plantio

Os sistemas de plantio, por sua vez, dividem-se em três categorias: o tradicional, em renque e o adensado.

O primeiro sistema, que prevalece no parque cafeeiro nacional, tem algumas características importantes:

- permite uma plantação entre 2 a 3,3 mil mudas por hectare;
- sua implantação demanda baixo investimento;
- o crescimento da planta é livre, não exigindo podas periódicas;
- aceita mecanização de determinados tratos culturais a exemplo do uso de defensivos, adubação e limpeza;
- há uma maior qualidade do café colhido;
- relativamente a outros sistemas, revela-se pouco produtivo: média entre 10 a 30 sacas por hectare;
- permite uma melhor colheita.

Vale dizer que existem três maneiras de se fazer a colheita: derrça ao chão (o café, após derrubado, é colhido e abanado e, a partir daí, separam-se os frutos das muitas impurezas), derrça ao pano (o café é derrubado em um plástico ou pano, evitando o contato da fruta com as impurezas), colheita a dedo (os frutos são colhidos manualmente e postos em cestas o que evita impurezas e permite a colheita de apenas frutos maduros – as chamadas “cerejas”) e colheita mecânica (os frutos são colhidos mecanicamente, sendo mais utilizado em regiões planas).

Em outro sistema, o de renque, utilizado na maioria das lavouras do cerrado, as características são as seguintes:

- podem ser plantadas entre 5 a 7 mil mudas por hectare;
- possibilita bom nível de produtividade;

- possibilita boa qualidade do café colhido.

O sistema adensado é o mais visto em novas plantações e suas características resumem-se nas seguintes:

- plantio entre 5 a 10 mil plantas por hectare e, portanto, a área disponível é melhor utilizada;
- altos níveis de produtividade: mais de 40 sacas por hectare;
- os tratos podem ser realizados manualmente, tornando a colheita mais difícil;
- dificuldade em controlar pragas e doenças;
- ao se exigir mais mudas e fertilizantes o custo de implantação se eleva.

Irrigação

Quando ocorrem deficiências hídricas com maiores gravidades, onde os índices pluviométricos das áreas destinadas à cafeicultura são bem favoráveis, os prejuízos à produção não são grandes. Já em região dos cerrados, em que a temperatura média anual fica em torno de 18^oC e 22^oC, faz-se necessário a utilização de um sistema de irrigação. Este sistema tem como meta abastecer a planta de água, de modo que adeqüe a umidade do solo e garanta maior crescimento produtivo e vegetativo do cafeeiro. Basicamente, há dois tipos de irrigação:

- irrigação por aspersão – assemelha-se a uma chuva artificial pois a água é aplicada sobre a copa dos cafezais. Utiliza três sistemas: portátil ou convencional (os equipamentos são móveis), outopropelidos (canhão hidráulico que irriga determinada faixa do cafezal) e pivô central (estrutura móvel em torno do seu centro, possuindo neste um captador e linha suspensa de distribuição de água);
- irrigação por infiltração ou localizada – neste caso, a água não atinge a parte alta da planta, mas o solo, onde são colocados os dispositivos necessários. Este tipo apresenta dois sistemas: gotejamento (a água é aplicada através de tubos perfurados ou pequenas peças mecânicas – os gotejadores – próximo ao tronco do cafeeiro de modo lento e

com baixa pressão) e aspersão (por meio de microperfurações a distribuição da água se efetiva de modo suave, em jatos finos, junto ao pé das plantas).

3.4 NOVAS TECNOLOGIAS

Têm sido bem positivos os resultados de experiências com novas tecnologias na lavoura cafeeira. Exemplos disto são os aumentos de produtividade, melhoria do café colhido e redução de custos. Estes resultados podem ser verificados no adensamento do plantio, no uso de sistemas de irrigação, na seletividade da colheita, na racionalização dos tratamentos culturais e nos cuidados no tratamento pós-colheita.

- Colheita seletiva – é realizada em duas ou três vezes, refletindo na melhora da qualidade do café. Há uma máquina francesa que colhe uvas que está em processo de adaptação para colher apenas frutos do café maduros;
- Plantio direto – o plantio é feito por máquinas e está mostrando bons resultados com a economia de custos de implantação, reduzindo a quantidade de fertilizantes, mantendo o solo com mais matéria orgânica, o que o torna mais protegido, poroso e tornando, portanto, mais fácil a entrada de água;
- Plantio superadensado – com o plantio de até 14000 mudas por hectare sua produtividade é bastante elevada e, a depender da região, este nível vai até a terceira e a quinta colheita. A partir deste momento, a produtividade decresce e o plantio torna-se adensado pois com a dificuldade de colheita se faz necessária a extração de algumas plantas;
- Pivô central com irrigação dirigida – constitui em uma forma adaptada do sistema de pivô central tradicional. A lavoura apresenta-se em linha circular sendo a irrigação realizada nos pés da planta de forma a racionalizar e economizar a distribuição de água, defensivos e fertilizantes.

3.5 O PREPARO DO TERRENO – Um exemplo

Quando o proprietário adquire/compra a terra, geralmente esta é coberta de mata virgem. Para a implantação da lavoura é preciso, inicialmente, de uma limpeza desta terra. Este

trabalho se efetiva em época das secas, entre abril e agosto, com a utilização de foices e facões e, após isolar a área dos terrenos adjacentes, ateia-se fogo. Uma vez limpo o terreno, marcam-se os locais dos cafezais e faz-se o sulcamento do contorno. As covas são abertas dentro do sulco, com auxílio de enxadas, a espaços regulares, sendo que o espaço verificado entre eles, a chamada rua, são sempre iguais. O cafezal é dividido em talhões onde se encontram determinados números de covas. Estes talhões são separados uns dos outros por carregadores, ou seja, caminho que se destina ao trânsito de caminhões, carros, animais que servem de transporte do café. Durante a formação do cafezal procura-se mantê-lo limpo de qualquer vegetação corrente, para que os cafezais desfrutem de toda a potencialidade da terra. O processo de adubação se realiza misturando a terra com adubo químico, matéria orgânica, nitrato de potássio e cálcio. Logo depois, a terra volta para o enchimento da cova estando esta apta para o recebimento da muda. A muda deve ser totalmente isenta de doenças, a variedade mais adaptada para as condições, o espaçamento escolhido que permite melhor utilização do terreno, mas sempre em função dos tratamentos culturais e fitossanitários. O zoneamento torna-se importante pois o café não deve ser plantado em qualquer área. O solo, por exemplo, deve possuir uma profundidade mínima de um metro e declividade mínima de 18%. A drenagem, por sua vez, deve ser boa – não sendo aconselhados os solos pedregosos, pois estes impedem um bom funcionamento do sistema radicular e não permitem a mecanização das lavouras.

4 FATORES DETERMINANTES DO COMPORTAMENTO DO RENDIMENTO FÍSICO E DA PRODUTIVIDADE

Antes de examinar os vários fatores que influenciaram diretamente o comportamento do rendimento físico e da produtividade da atividade cafeeira do sudoeste da Bahia no referido período, é válido conhecer e ressaltar, mesmo de forma resumida, os principais fatos do âmbito econômico que atingiram o país.

4.1 DÉCADA DE 80 – UM BREVE RETROSPECTO DA ECONOMIA BRASILEIRA

A fim de que estes fatos tenham uma maior consistência é também válido recorrer aos fatos essenciais ocorridos em meados e fins da década imediatamente anterior à década de 80.

Com a crise do petróleo na década de 70, fato que marcou este período, e a sucessiva duplicação de seu preço, as relações de troca deterioraram, ocasionando fortes pressões sobre a economia brasileira. Como o país optou pela continuidade de um crescimento razoável do seu produto, o que se viu foi a aceleração do ritmo de endividamento uma vez que havia uma excessiva liquidez no mercado financeiro internacional. Isso foi observado tanto a partir do final de 1973 (primeiro choque do petróleo), como em 1979 (segundo choque), embora este último com menor impacto. “A dívida externa entrou num processo de rápido crescimento, mostrando que o país acelerava a utilização de poupança do resto do mundo” (Pinho; Vasconcellos, 1992, p.452).

No período de 1981 até 1983 a situação do balanço de pagamentos tornou-se muito complicada. As taxas de juros dos mercados financeiros de Nova York e de Londres obtiveram significativas elevações. Como a dívida externa brasileira alcançava altos níveis, as taxas de juros tinham um papel fundamental no equilíbrio do balanço de pagamentos. Resultado: estrangulamento das contas externas do país e diminuições de suas reservas. Os recursos ficaram escassos e a solução foi recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI). A política do FMI tratava de eliminar o déficit da balança de transações correntes. Isto implica dizer que o Brasil “teria condições de pagar integralmente os juros da dívida, sem precisar de ‘dinheiro novo’ ”(Ibid., p.453). Todo o ajuste agora era direcionado para a obtenção de superávits comerciais: diminuir as importações e/ou estimular as exportações.

Para estimular essas exportações o governo concentrou-se em dois elementos básicos: promoveu uma maxidesvalorização do Cruzeiro e diminuição dos salários reais. Essas mudanças surtiram poucos efeitos uma vez que os países industrializados cresciam em ritmo lento e, também, pelo alto grau de protecionismo que marcou o mercado internacional no período. Às importações, no entanto, coube a importante tarefa de ajustamento, através de sua contenção. Para isto, atuaram fortemente: a maxidesvalorização, o controle quantitativo da CACEX (apossando as guias de importação) e a contração da demanda interna. Examinando os resultados, surgiram duas respostas opostas. Uma delas refletiu, no âmbito do setor externo, a superação do déficit de 2,9 bilhões de dólares, em 1980, para um saldo positivo de 13,1 bilhões de dólares, em 1984. Em outra resposta, no âmbito interno, o que se observou foi algo bem diferente: queda na produção de bens e de serviços, o PIB *per capita* reduzindo-se em mais de 10%, ou seja, evidenciou-se um processo recessivo.

Existindo capacidade ociosa, o país retoma o crescimento em 1984 graças à elevação da demanda de produtos brasileiros pelo mercado norte-americano. Isso gera efeitos multiplicadores na economia brasileira: expandem-se o emprego e os salários e, como decorrência, o mercado interno. Entretanto, essa capacidade de crescimento estaria condicionada com a necessidade de novos investimentos. “Isto porque superávits expressivos representavam uma parcela significativa de recursos remetidos ao exterior, criando dificuldades de financiamento para os investimentos internos” (Ibid., p.455).

Desde fevereiro de 1986, quando se implanta o Plano Cruzado I, as variáveis correspondentes ao setor externo obtiveram comportamento contrário ao que se viu no período 1981-83. Os salários reais e a renda real foram ampliados. O consumo, o investimento e, como conseqüência, a demanda agregada foram estimulados. No entanto, como a demanda interna havia aumentado, as exportações caíram sensivelmente ainda em fins de 1986. O nível de reservas reduziu-se o que obrigou a suspensão do pagamento dos serviços da dívida em princípio de 1987. Ao contrário do que aconteceu no período 1981-1983, “as condições externas mostraram-se extremamente favoráveis ao Brasil, com taxas de juros internacionais em níveis reduzidos, preço do petróleo em queda etc” (Ibid., p.456). Esse problema foi ocasionado por questões de política interna.

A direção da política econômica brasileira muda novamente. Agora, diante da moratória, o plano tem intenções de retomar as negociações com o exterior e, no decorrer do plano, são feitas sucessivas minidesvalorizações do Cruzado. “Em termos gerais, a estratégia era semelhante à adotada no início da década de 80: aumentar a rentabilidade de exportação (através do câmbio) e reduzir a demanda interna” (Ibid.,p.457). De fato, os saldos comerciais voltaram a ser bem positivos com a criação de novas condições para negociação da dívida externa e suspensão da moratória nacional.

A manutenção dessa política foi verificada até 1989, quando da implantação de mais um plano, o Plano Verão. Esse plano modificou a evolução do setor externo do país. Dada a elevada ascensão inflacionária e as várias tentativas fracassadas de se chegar a um Pacto Social os resultados não poderiam ser outros: congelamentos de preços, de salários e de câmbio. Além disso, com o fracasso do plano gerou-se mais inflação, ocasionando diminuições no valor real do câmbio, sacrificando novamente o saldo da balança comercial. A suspensão dos pagamentos da dívida externa veio em setembro de 1989.

Em artigo recente de Silva; Gradilone (2000, p.98), publicado na revista Exame, as palavras seguintes de um dos entrevistados, Geraldo Travaglia, diretor executivo de marketing e produtos do Unibanco, refletem um pouco do quadro econômico brasileiro vivido na década de 80: “Os planos econômicos provocaram movimentos sucessivos de crescimento exagerado seguidos por retrações muito drásticas, e é muito difícil evoluir num cenário como esse”.

4.2 O RENDIMENTO FÍSICO E A PRODUTIVIDADE

A atividade cafeeira esteve associada sempre a uma ou mais atividades secundárias. Exemplo disto ocorreu no município de Barra do Choça. Em muitos de seus povoados, foi verificado que a área de produção alimentar esteve associada à de produção de café. “Eventualmente os proprietários rurais implantam culturas intercalares, como o feijão e o milho, em parceria com os gerentes das propriedades e com outros trabalhadores” (Lunga, 1990, p.26). Em outros povoados essa produção de café associou-se à pecuária.

A expansão da cultura cafeeira em Vitória da Conquista, por exemplo, não se realizou na direção das áreas da pecuária, atividade já consolidada, mas das áreas de produção agrícola e de capoeira. Já em Barra do Choça o avanço da cafeicultura fez tanto a pecuária como a pequena produção perderem espaços. “Os médios pecuaristas passaram a plantar café; os agricultores com pequenas propriedades, na sua maioria, venderam suas terras; os agregados, como os poucos posseiros da área, viram desaparecer o espaço em que se situavam” (Santos, 1987, p.90).

Ao se analisar a infra-estrutura de algumas fazendas ficaram constatadas muitas diferenças entre o que se denomina *Pequeno Proprietário com Fazenda sem boa infra-estrutura* e *Médio e Grande Proprietário com fazenda com boa infra-estrutura*. Explica-se:

Pequeno Proprietário com Fazenda sem boa infra-estrutura:

- Casa do proprietário;
- Plantação do café na frente e nas laterais da casa;
- Os materiais usados na fazenda são mantidos em uma garagem ou armazém anexos à casa;
- Reservatório de água no fundo da casa, para ser utilizado na plantação do café;
- Ao fundo da casa, algumas plantações de feijão, mandioca e milho para alimento de subsistência do gerente e da família;
- Área para criação de pequenas aves como peru e galinha, usados na comercialização na feira pelo gerente;

- Ausência tanto de casas e alojamentos para as famílias que trabalham na roça como do terreiro de secagem de café.

Médio e Grande Proprietário com fazenda com boa infra-estrutura:

- Casa do proprietário;
- Em frente à casa, terreiro para secagem do café;
- Nas laterais, máquinas de secagem do café;
- À esquerda da área de pecuária alguns têm represas naturais que abastecem a fazenda e existem também aqueles que constróem tanques para o mesmo fim;
- Na área de plantio do café encontra-se um reservatório independente de água, usado na aplicação dos herbicidas;
- Criação de avicultura e venda da produção para a família e os trabalhadores;
- Alojamentos tanto para as famílias como para os trabalhadores.

A grande parte dos municípios da região analisada apresentou a preferência pelo cultivo das variedades Mundo Novo e Catuaí. As características principais destas variedades foram reveladas em capítulo imediatamente anterior.

Nesses municípios, destacando-se Vitória da Conquista e Barra do Choça, pôde-se notar a presença de algumas fazendas que apresentavam problemas com relação ao terreno e aos ventos do sul que, invariavelmente, acabavam danificando o cafezal através da queima de seus ramos, principalmente os mais novos; isso, de alguma forma, teria que ser combatido. Como solução, alguns proprietários resolveram plantar entre as linhas do cafezal, pés de grevilha, sendo sua função atuar como quebra-ventos. Embora seja uma tecnologia consagrada, surgiram alguns empecilhos para a implantação: o ataque de formigas às pequenas mudas de grevilha e o lento crescimento dessas mudas, de certa forma, em descompasso com o crescimento do cafezal. Nesse momento surge a idéia de se plantar bananeiras no lugar da grevilha. Isso trouxe resultados mais positivos à lavoura cafeeira:

- O novo pára-vento não concorria com o cafezal;
- Seu crescimento era quase simultâneo com as plantas de café;
- A produção de bananas era distribuída nas fazendas ou com os familiares;

- A bananeira retém melhor a umidade e produz boa quantidade de matéria-prima orgânica no terreno em menor espaço de tempo – em comparação à plantação de grevilha.

Outra prática, igualmente importante, adotada na lavoura cafeeira, é a utilização de rebanho de ovelhas. Neste caso, os cafeicultores adotam uma ocupação de sete ovelhas para cada hectare de café, o que equivale à cerca de 1250 covas. Esses animais realizam duas relevantes tarefas:

- diminuem os custos de limpeza;
- adubam o terreno do cafezal continuamente.

O manejo dessas ovelhas é simples. Durante a noite elas dormem em um cercado, sendo soltas pela manhã. No cercado deixam grandes quantidades de adubo orgânico que são coletados periodicamente e distribuídos no cafezal.

A limpeza do cafezal representa um dos tratos culturais mais caros para uma cultura, que exige terreno limpo para uma boa produtividade. Com essa prática, a utilização de ovelhas, o negócio pode proporcionar ainda um lucro adicional através da venda da produção dos animais. Além disso, a criação de ovelhas no interior do cafezal não eleva a folha de pagamentos, pois os cafeicultores apenas têm a tarefa de destacar alguns de seus empregados a fim de cuidar dos animais. Isso constitui mais uma razão para confirmar a simplicidade do manejo.

No entanto, esses mesmos produtores alertam para alguns cuidados:

- durante as pulverizações e colheitas o rebanho deve ser mantido fora da área do cafezal;
- as ovelhas só devem ser inseridas no cafezal após as bananeiras estarem adultas ou os animais comerão todas as mudas.

Por outro lado, o rendimento físico e a produtividade podem ter seus comportamentos afetados negativamente, em maior ou menor grau, quando se analisam as condições

precárias nas quais os trabalhadores estiveram submetidos. Em vários municípios, com pouquíssimas exceções, constatou-se uma elevada exploração sobre esse trabalhador – representado também por um contingente considerável de crianças. Há um rebaixamento dos custos através de investimentos deficientes em infra-estrutura. Os alojamentos das roças e fazendas, onde permanecem os trabalhadores, apresentam péssimas condições de higiene e de habitação, sem esquecer os meios de transportes deficientes que se constituem no ponto inicial de uma trajetória, em grande parte, ilusória e conflituosa.

No caso dos alojamentos, “segundo depoimentos de técnicos e trabalhadores, simplesmente se constituem de adaptações ou reformas de antigos poleiros e pocilgas” (Santos, 1987, p.115).

Proteção contra determinados acidentes, como a intoxicação com os defensivos, praticamente inexistente e, quando acontece, muitos produtores tentam minimizar os seus efeitos e até mesmo encobri-los a fim de evitar maiores repercussões.

Logo, é a existência dessa massa disponível de trabalhadores “... que permite ao produtor de café assegurar quanto a uma eventual pressão dos salários sobre os custos, já que este é um dos poucos elementos possíveis de manipulação em sua estrutura de custos³. Impotente frente à alta acelerada dos insumos, máquinas e equipamentos, resta ao produtor barganhar com o trabalho” (Ibid., p.116).

Outro fator que agiu negativamente sobre a atividade cafeeira da maior parte da região em estudo foi a ausência de anotações sistemáticas das despesas havidas no processo. No município de Barra do Choça, por exemplo, há indícios de que tal fato ocorre por que a maioria dos produtores não mora na propriedade e desempenha outras atividades.

Paralelamente a isso, deve-se ressaltar a escassez de chuvas, ausência de recursos oficiais para investimentos e, por fim, a baixa cotação do produto. Como decorrência, a atividade ficou desestimulada, prejudicando os tratos culturais e a qualidade do café colhido.

³ É importante ressaltar que há uma regularidade na estrutura de custos da cafeicultura. Os custos variáveis, em relação aos custos fixos, têm uma participação maior no custo total médio para a produção cafeeira. A componente mão-de-obra tem maior peso nos custos variáveis, para o custo fixo pesa mais as componentes máquinas e equipamentos agrícolas.

“Os produtores têm adotado (...) práticas inadequadas, como: calagem e adubação deficientes, redução dos tratos fitossanitários e com prática de poda (...) com lavouras ainda jovens. Em consequência desse procedimento, 25% da população cafeeira não produzirá no período 88/91” (Lunga, 1990, p.27).

O mesmo autor indica que as principais variáveis capazes de influenciar a atividade cafeeira são justamente a *fertilização*, a *mão-de-obra com tratos culturais*, o *número de pés por cova*, as *máquinas e equipamentos agrícolas* e os *defensivos agrícolas*. No seu estudo o autor verificou, em primeiro lugar, que a aplicação de fertilizantes químicos, mantidas as demais variáveis constantes, resultou em maiores taxas de retorno, ou seja, que a elevação da produção pode ser mais facilmente obtida através de uma adubação mais eficiente.

Em seguida vem a variável *mão-de-obra com os tratos culturais*.

“A intensificação do uso desta variável vem efetivamente contribuir para o aumento da produção, (...), já que ela está mensurando a mão-de-obra com capina, calagem, adubação, podas, aplicação de defensivos (controle de pragas e doenças) e desbrotas; práticas essas que são condicionantes para um bom rendimento de qualquer cultura” (Ibid., p.31).

Quanto à variável *número de pés por covas* aconselha-se o plantio de um pé por cova. Isto por que 50% dos produtores do município de Barra do Choça que plantavam 2 pés por cova obtiveram resultados antieconômicos, ou seja, viram suas produções declinarem com o aumento de covas com mais de um pé de café.

A variável *máquinas e equipamentos agrícolas* revelou que, caso os produtores aumentem a sua utilização, a produção também se eleva, embora a uma taxa pequena.

Por último, a variável *defensivos agrícolas* evidenciou que, caso haja uma determinada elevação de seu uso, a produção de café pode cair. Isto se explica “na medida em que ele só é utilizado quando há uma infestação de pragas na lavoura. Isto poderia conduzir a uma aplicação possivelmente descontrolada e a níveis acima do necessário” (Ibid., p.32).

Resultados

Após a análise dos fatores mais importantes que influenciaram as produtividades e rendimentos físicos de grande parte da região de estudo, chegou o momento de expor os dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o período 80-89, discriminados segundo a *produção (t)*, a *área (ha)* e *rendimento físico (Kg/ha)*. Esses dados foram dispostos em tabelas e gráficos para cada um dos 12 municípios que até então tinham uma participação significativa na atividade cafeeira da região.

PRODUÇÃO

Nos municípios de Vitória da Conquista, Planalto e Maracás as respectivas produções apresentaram quedas no final da década de 80 após terem seus níveis elevados ao início deste mesmo período. Já nos municípios de Itiruçu e Jaguaquara suas produções revelaram quedas contínuas desde o início da referida década.

Nos municípios de Itaquara, Cravolândia, Irajuba, Santa Inês e Firmino Alves as produções apresentaram comportamentos semelhantes: numa primeira fase a produção cai, recupera-se e, logo após, no final da década, volta a decrescer. O destaque ficou por conta do município de Firmino Alves, que mesmo obtendo queda nos últimos anos da década, manteve-se com uma produção bem superior em relação àquela do início deste período.

Para a região Sudoeste, o gráfico mostra um significativo aumento de produção até o ano de 1988 e, a partir daí, mostra um comportamento declinante.

ÁREA

Os municípios de Vitória da Conquista e Firmino Alves obtiveram quedas até 1985 e, logo depois, se recuperaram.

Itiruçu, Jaguaquara e Maracás apresentaram elevações até metade dos anos 80 mas voltaram a cair nos anos seguintes desta queda.

Os municípios de Planalto, Poções e Planaltino aumentaram a área destinada à atividade cafeeira continuamente até fins dos anos 80.

Em Irajuba e Santa Inês a área para a cafeicultura revelou acréscimos até o ano de 1988, voltando a cair no ano seguinte.

As áreas tanto no município de Itaquara como no de Cravolândia percorreram um ciclo de altos e baixos, como evidenciam suas respectivas tabelas.

O município de Firmino Alves destacou-se dos demais neste quesito, uma vez que os aumentos de área para a cafeicultura foram muitos significativos nos fins dos anos 80 em comparação com o início deste período.

A área utilizada para o cultivo na região sudoeste mostrou-se com uma ascendência significativa até o ano de 1988. A partir daí observou-se uma leve queda desta área utilizada para a atividade cafeeira

RENDIMENTO

Nos municípios de Itiruçu, Jaguaquara, Poções e Planaltino foram observadas quedas sucessivas em seus rendimentos físicos, sendo que Jaguaquara sofreu uma queda maior que os demais – inicialmente de 3642 Kg/ha para 648 Kg/ha.

Para os municípios de Vitória da Conquista e Planalto esse índice apresentou-se da seguinte forma: até 1985 seus rendimentos físicos obtiveram elevações, mas a partir deste ano até o final da década o comportamento foi declinante.

Os municípios de Itaquara, Cravolândia, Maracás, Irajuba e Santa Inês tiveram seus rendimentos físicos em queda até 1985 e voltaram a se elevar até fins dos anos 80.

Apenas em Firmino Alves houve um comportamento do rendimento físico distinto dos demais municípios. No início da década de 80 o rendimento físico é relativamente alto, cai no ano de 1985, eleva-se em 1988 e volta a cair em 1989.

O rendimento, para a região Sudoeste, mostrou-se em queda até fins da década de 80 – de 1315 Kg/ha, em 1980, para 895 Kg/ha, em 1989.

5 CONCLUSÃO

No conjunto dos 39 municípios da região Sudoeste da Bahia, apenas 12 evidenciaram, nos anos 80, participações significativas na produção cafeeira. A pesquisa focalizou esses 12 municípios, destacando-se entre eles, Vitória da Conquista como principal cidade cujo pólo cafeeiro foi implantado na década de 70.

Nesse conjunto de municípios estudou-se a atividade cafeeira segundo os indicadores *produção (t)*, *área (ha)* e *rendimento físico (Kg/ha)*. Com base em tais indicadores pôde-se notar que seus comportamentos foram bem diferentes quando se analisa cada município separadamente, ao longo dos anos 80.

Exemplo disso foi observado na variável *produção (t)* quando apenas três municípios – Planaltino, Planalto e Poções – revelaram um crescimento contínuo ao longo da maior parte dos anos 80. Nos demais nove municípios o comportamento foi bem diverso, onde predominou alternância entre declínio e crescimento.

Quanto ao indicador *área (ha)* os municípios de Firmino Alves, Irajuba, Planaltino, Planalto, Poções, Santa Inês e Vitória da Conquista apresentaram crescimento durante a maior parte dos anos 80. Nos outros cinco municípios o comportamento desse indicador mostrou-se bem variado, entre declínios e crescimentos.

Para o indicador *rendimento físico (Kg/ha)* os municípios Cravolândia, Irajuba, Itaquara, Maracás e Santa Inês revelaram discretas elevações, após considerável declínio na primeira metade dos anos 80. No entanto, nos demais municípios o que se observou foi o declínio desse mesmo indicador.

No aspecto geral, a região Sudoeste apresentou o indicador *produção (t)* em crescimento até o ano de 1988, atingindo 63.003 t de café em grão. Em 1989, houve uma expressiva queda, para 57.517 t. O indicador *área (ha)*, por sua vez, no mesmo período 80-89, mostrou-se em crescimento, elevando-se de 38.086 ha a 64.230 ha. Entretanto, o indicador

rendimento físico (Kg/ha), no período 80-89, sofreu uma considerável queda: de 1.315 *Kgs/ha* para 895 *Kgs/ha*. Isto equivale a uma perda aproximada de 31,9%.

Os resultados desses indicadores foram reflexos da própria condução que o produtor deu à sua lavoura. Apesar de serem notórios os esforços e práticas utilizadas por estes produtores a exemplo da utilização de bananeiras como quebra-ventos e o manejo de ovelhas na lavoura, tudo indica que a existência de fatores negativos foi preponderante: as condições precárias a que estiveram submetidos os trabalhadores, ausência, na maior parte das lavouras, de anotações sistemáticas das despesas havidas na atividade, escassez de chuvas, baixa cotação do produto etc.

A utilização de crianças para a colheita do café foi mais um dos problemas detectados nesta pesquisa. Isto, além de afetar a própria eficiência da colheita, acabava por prejudicar também o desenvolvimento e a vida da criança.

Uma vez instalada, a produção cafeeira ao longo dos anos 80 careceu de maior atenção, seja do governo de entidades privadas. Os investimentos em infra-estrutura e maquinaria adequada, quando ocorreram, foram realizados de maneira desorganizada, ou seja, sem atingir satisfatoriamente todos os municípios produtores da região e todas as lavouras cafeeiras. Apenas as médias e grandes lavouras, parte minoritária no conjunto das lavouras cafeeiras, realizavam tais investimentos.

Tal estudo não teve, no entanto, seu objetivo plenamente alcançado. Ao se tratar de uma variável como produtividade seria imprescindível a presença de informações referentes a custos e receitas, seja do produtor individual ou de um mesmo conjunto de produtores. No transcorrer do estudo em questão uma das principais barreiras para se chegar a tal objetivo foi a dificuldade de se encontrar tais informações.

Sugere-se que esta mesma análise seja feita, com as devidas complementações, para a década de 90 nesta mesma região do Sudoeste. Feito isso, é válido comparar os desempenhos nas décadas de 80 e 90 a fim de tomar medidas mais corretas em defesa da atividade cafeeira e evitar grandes oscilações nas suas variáveis, tanto em relação aos municípios como em relação ao tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCAFÉ. **Diagnóstico da cafeicultura na Bahia 1995-1996**. 1996,37p.

BAER, Werner. **A Economia brasileira**. São Paulo: Nobel, 1996, 416p.

BAHIA. SEPLANTEC, CEI. **Informações básicas dos municípios baianos – Sudoeste**. Salvador: CEI, 1994.

BARRETO, Vanda de Sá. **O impacto social da cafeicultura na Bahia**. SUDENE, 1981.

CAFÉ. Agrossíntese, Salvador,SEAGRI, ano 1, nº 2, set. 1993.

CALZAVARA, Oswaldo; ANDRADE, José Geraldo de. Habilitação de produtores rurais e eficiência econômica de explorações agrícolas. **Revista de Economia Rural – SOBER**. Brasília, v.24, n 3, p.349 – 354, jul./set. 1986.

CEPLAB. **A penetração do café na Bahia**. Salvador, 1979.

COUTO, Vitor de Athayde. O território do cacau no contexto da mundialização. Bahia Análise e Dados. Salvador, SEI, v.9, n. 4, p.38-52, mar. 2000.

DINHEIRO novo. **Negócios Agrícolas**. Ano I, n. 3, mar. de 1998, 56p.

FAEB. **Café na Bahia: um projeto inacabado**. Salvador: jul. de 1984. 80p.

GREMAUD, Amaury Patrick; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de, TONETO JR., Rudinei. **Economia brasileira contemporânea: para cursos de Economia e Administração**. São Paulo: Atlas, 1996, 294p.

LEAL, Luiz Octavio Pires. **Agricultura: uma opção de investimentos**. Rio de Janeiro: Bloch, 1985.

LUNGA, Aloízio. **Eficiência econômica e custo de produção na cafeicultura de Barra do Choça, Estado da Bahia**. Lavras, (MG):Escola Superior de Agricultura de Lavras. 1990, 56p.

MATIELLO, José Braz; CARVALHO, Francimar. Contribuição das Ciências Agrárias para o desenvolvimento: o caso do café. **Revista de Economia Rural – SOBER**. Brasília, v.18, n 03, p.494 – 505, jul./set. 1980.

NEVES, Evaristo Marzabal. A decolagem do mercado futuro de produtos agrícolas. **Revista de Economia Rural – SOBER**. Brasília, v.28, n 03, p.11–18, jul./set., 1990.

ORMOND, José Pacheco; PAULA, Sérgio Roberto Lima de; FAVERET FILHO, Paulo. Café: (Re) conquista dos mercados. **BNDES SETORIAL**, Rio de Janeiro, n 10, p.3-56, set. 1999.

PASSOS, Sinval Almeida. **Vitória da Conquista, cidade e região**. Recife: 1995, p.69-105. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais). UFPE, 1995.

PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de (Orgs.). **Manual de Economia**. São Paulo: Saraiva, 1992. 508p.

SANDRONI, Paulo. **Novo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1994. 377p.

SANTOS, Antônio Luiz. **Produção de riqueza e miséria na cafeicultura**: as transformações recentes do espaço rural nos municípios de Vitória da Conquista e Barra do Choça, Bahia. Recife: 1987.(Dissertação de mestrado em Geografia), UFPE, 1987, p.148.

SILVA, Adriano; GRADILONE, Cláudio. O nó dos juros. **Exame**, São Paulo, Abril, ed.708, ano 34, n 4, p.98-101, 23 de fev. 2000.

SOARES, Vera Lúcia Sales; COUTO FILHO, Vitor de A. Desempenho do *Agrobusiness* 1995. Bahia Análise e Dados. Salvador, SEI, v.5, n 3, p.131-139, dez. 1995.

SUDOESTE da Bahia: perfil sócio econômico. Vitória da Conquista: UESB, 1996.124p. (Série documento I).

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. Desempenho da economia baiana 1999 e tendências para 2000. Bahia Análise e Dados. Salvador, SEI, v.9, n.3, dez/1999.

TAGLIALEGNA, Gustavo Henrique Fideles. **Estudo do comportamento do mercado internacional de café nos últimos 50 anos**. Capturado em de 03 maio de 2000. Online. Disponível na internet <http://www.ciagri.usp.br/~ghftagli/café/trabalho.html>